

Jorg Sabellicus

ESPECIALISTA EM ESOTERISMO

**GUIA
COMPLETO**

aprenda a conhecer-se
e a controlar
a sua vida



A MAGIA DOS NÚMEROS

Manual Prático de Numerologia


nascente

Índice

PRIMEIRA PARTE: OS NÚMEROS	13
CAPÍTULO I	
O nome e o caráter; a data e o destino; o número e a harmonia do Universo; o <i>Tetraktis</i> e a soma de todas as coisas	15
CAPÍTULO II	
Os números revelados; o significado numerológico dos algarismos de 1 a 9; síntese da doutrina esotérica simbolizada pelos números; significado das séries de noves; os números superiores	22
SEGUNDA PARTE: O NOME	49
CAPÍTULO III	
Equivalência entre letra e número; cálculo do «número onomástico», chave do caráter; idealidade, impressão, expressão; significado das vogais e das consoantes.....	51
CAPÍTULO IV	
Espelho da personalidade individual; como interpretar o número onomástico; significado e síntese.	56

CAPÍTULO V	
A análise das letras do nome; matrizes numéricas e sua interpretação; ausência de números: significado e conselhos	70
TERCEIRA PARTE: AS DATAS	
89	
CAPÍTULO VI	
Data de nascimento e destino individual; matriz natal: principal elemento de juízo acerca da «via» pessoal.....	91
CAPÍTULO VII	
O número do Destino: uma indicação e um desafio; a influência sobre a existência pessoal; significado e explicação dos números individuais	97
CAPÍTULO VIII	
O ano universal e a sua influência nos acontecimentos históricos; o ano pessoal: guia do comportamento no ciclo dos doze meses; cálculo do número do ano pessoal; explicação, aspetos negativos, síntese.....	110
CAPÍTULO IX	
O mês pessoal: guia do comportamento no ciclo de 30 dias; o que «fazer» e o que «não fazer» no mês em curso; cálculo do número do mês pessoal; significado e aspetos negativos	132
CAPÍTULO X	
Dia pessoal: guia do comportamento nas 24 horas; sua avaliação em relação ao mês e ao ano pessoal; cálculo	

do número do dia pessoal; significado e aspetos
negativos 143

CAPÍTULO XI

Dias felizes e dias infelizes; procura das datas felizes;
determinação do dia mais favorável para determinadas
atividades 153

QUARTA PARTE: **OS CICLOS** 159

CAPÍTULO XII

As grandes subdivisões da existência; ciclos vitais:
formativo, mediano, conclusivo; harmonia e desarmonia;
cálculo dos ciclos e seus significados 161

CAPÍTULO XIII

Subdivisões do ciclo mediano; como reconhecer a
vocação apropriada e escolher a atividade mais
oportuna; data de nascimento e carreira individual 167

APÊNDICE

ALGUNS ORÁCULOS NUMÉRICOS SIMPLES

«A Mão de Fátima»; «A Roda de Pitágoras»;
«O Duplo Zodíaco»..... 187

PRIMEIRA PARTE

OS NÚMEROS

CAPÍTULO I

«O que há, afinal, num nome?» pergunta-se, angustiada, Julieta, na tragédia que Shakespeare dedicou ao seu amor infeliz por Romeu. «No fundo, uma rosa, ainda que lhe déssemos outro nome, manteria sempre o seu perfume...» E, no entanto, foi precisamente por causa dos seus nomes, do seu apelido, que os dois desventurados amantes de Verona viram o seu destino opor-se às suas aspirações, sofreram toda a espécie de desgostos e, por fim, encontraram a morte.

«O que há, afinal, num nome?» À pergunta de Julieta os numerólogos respondem que no nome de uma pessoa se encerra o seu caráter, que na data de nascimento se encerra o seu destino e que os dois elementos em conjunto podem dar conta do tipo de existência que um indivíduo terá de enfrentar, dos obstáculos que encontrará no seu caminho, das qualidades graças às quais poderá superá-los e dos defeitos que lhe servirão de entrave e de impedimento.

O nosso nome e a nossa data de nascimento individualizam-nos de uma maneira inequívoca. São os sinais distintivos que nos localizam com exatidão no oceano da «negra, infinita humanidade». De acordo com a antiga sabedoria tradicional, no Universo nada acontece por acaso, nada se verifica fora de um imenso e preciso desígnio: por isso mesmo as nossas vidas têm já um caminho prefixado, desenvolvem-se numa direção à qual é difícil fugir. Cabe-nos a tarefa de percorrer da melhor

maneira o caminho traçado. Poder-se-á favorecer com diligência e atenção o esquema de tendências que qualifica o nosso destino, aproveitando todas as circunstâncias favoráveis, cultivando todos os dotes inatos, reprimindo todos os instintos negativos. E então percorreremos com facilidade a estrada principal, obteremos um sucesso maior ou menor conforme as nossas capacidades e possibilidades, deixaremos uma marca positiva no esquema da existência. O motivo subtil que nos foi designado pelo destino na partitura imensa da sinfonia universal crescerá de tom, transformando-se numa marcha triunfal.

Ou, então, poderemos seguir caminhos errados, percursos que não se coadunam com as nossas capacidades, com a nossa resistência, com o nosso sentido de orientação. Poderemos encontrar obstáculos inesperados que não seremos capazes de prever; panoramas que nos confundem, acontecimentos que nos distraem, circunstâncias que nos limitam. Neste caso o nosso caminho mostrar-se-á menos expedito, será interrompido mais vezes e frequentemente terá mesmo de voltar para trás. O nosso «motivo individual» contrastará com as notas da sinfonia do Universo: desafinaremos, criaremos desarmonia e acabaremos na confusão e no esquecimento.

É, pois, importante não só saber escolher o caminho certo como também poder identificar nele com antecedência as insídias e saber como vencer os seus obstáculos da melhor maneira. Para isso deveremos procurar discernir o princípio fundamental que regula a ordem num cosmos que à primeira vista parece caótico; isto é, deveremos aperfeiçoar o ouvido para captar com precisão a «chave» da sinfonia universal.

A HARMONIA DO UNIVERSO

Segundo a numerologia, esta chave deve ser procurada na sucessão dos algarismos elementares que, à semelhança de notas musicais, regulam a harmonia da Natureza. Os numerólogos concebem o Universo como um imenso complexo que vibra segundo ritmos bem precisos. A física moderna dá-lhes razão: desde o século XIX que se sabe que as radiações (a luz, os impulsos elétricos e magnéticos) são fenómenos ondulatórios, enquanto os elementos constitutivos da matéria, isto é, partículas subatómicas, átomos e moléculas, estão sujeitos a incessantes e imutáveis movimentos oscilatórios.

O universo dos numerólogos é, portanto, como um imenso instrumento musical, dotado de um número infinito de cordas, das quais cada uma vibra produzindo uma nota específica. Cada corda do instrumento representa uma pessoa, um lugar ou uma coisa: vibrando, gera um som característico que, juntamente com todos os outros sons de todas as outras cordas, determina a sinfonia universal. A cada corda é atribuída uma «nota» específica, identificada por um dos algarismos de 1 a 9. Encontrá-lo significa compreender com exatidão o papel da corda que estamos a examinar no interior da sinfonia.

Para o homem, o elemento que revela a «nota» característica é o nome, isto é, a componente da personalidade individual em que se encerra a essência íntima de uma pessoa. Uma influência profunda emana também da data de nascimento, que regista o momento em que a nova corda se juntou ao conjunto de todas as que formam o instrumento universal. Para traçar um paralelo com a astrologia, pode dizer-se que o número que, como veremos, é extraído do nome de um

indivíduo corresponde ao seu signo do Zodíaco, enquanto o número extraído da data de nascimento corresponde ao Ascendente, que dá conta precisamente da posição das estrelas no horizonte no momento em que uma determinada pessoa vem ao mundo.

PARES E ÍMPARES

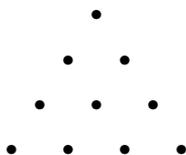
É provável que a comparação entre distinções numerológicas e notas musicais tenha a sua origem na observação experimental segundo a qual os intervalos musicais — a oitava, a quinta e a quarta — podem ser expressos como relações numéricas entre os algarismos 1, 2, 3 e 4.

A altura de uma nota (como se sabe desde os tempos de Pitágoras) depende do comprimento da corda musical que a produz. Se tivermos uma corda de música e a beliscarmos, solta-se uma nota. Se duplicarmos o comprimento da corda, a nova nota será uma oitava da precedente. A oitava pode, pois, ser expressa como a relação de 2 para 1. De maneira semelhante, a quinta representa uma relação de 3 para 2 e a quarta uma relação de 4 para 3.

Desta observação resultou uma outra. Os números que determinam os intervalos musicais são os primeiros quatro inteiros: 1, 2, 3, 4. Se se adicionam, geram o 10, que representa a soma de todas as coisas, uma vez que, quando se conta para cima de 10, se voltam a usar os mesmos algarismos fundamentais. Os primeiros quatro números têm, além disso, a capacidade de gerar todos os outros. Com efeito $5 = 4 + 1$; ou $3 + 2$; $6 = 5 + 1$; $7 = 4 + 3$ ou $5 + 2$; $8 = 5 + 3$; $9 = 5 + 4$.

Isto é confirmado por uma observação de natureza geométrica. Com efeito, o 1 individualiza um ponto; o 2 uma reta (que une dois pontos); o 3 um triângulo, isto é, uma superfície. Se se juntar um quarto ponto por cima do triângulo, e se unir este com os outros, forma-se uma figura sólida, ou seja, uma pirâmide de base triangular. Nos primeiros quatro números estão pois representados todos os entes, desde os desprovidos de dimensões (o ponto), aos dotados de uma só dimensão (a reta), aos de duas dimensões (a superfície) e, finalmente, aos dotados de três dimensões (os sólidos geométricos).

Os filósofos pitagóricos sintetizaram estas observações numa figura chamada *Tetraktis*, na qual os números, identificados por um ponto, estão dispostos em triângulo:



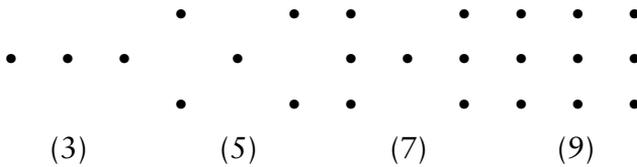
O *Tetrakis* resume simbolicamente os conceitos expressos até aqui, e forneceu outrora, muito provavelmente, a base do sistema de representação dos números mediante eixos ou pontos negros (como se faz ainda hoje nos dados). Este modo de representar os algarismos serve otimamente para explicar algumas das propriedades fundamentais atribuídas aos próprios algarismos.

Observando o *Tetrakis* vê-se que cada linha se obtém juntando um ponto (.), isto é, um 1, ao algarismo superior. O 1 foi pois considerado o elemento fecundante e gerador, o princípio vital do qual provêm todas as coisas. Nas representações numéricas

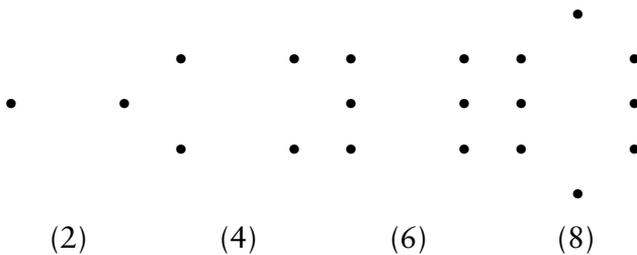
o 1 foi, por isso, simbolizado por uma pequena barra vertical: símbolo do falo ereto, isto é, da potência geradora.

Daqui provém a subdivisão dos números em dois grupos: números *masculinos*, ou ímpares, e números *femininos*, ou pares. O motivo de uma tal subdivisão torna-se imediatamente perceptível ao considerar o sistema de representação dos números mediante pontos.

O 3, o 5, o 7 e o 9 (ímpares, masculinos) mostram-se, de facto, do seguinte modo:



Por outro lado, o 2, o 4, o 6 e o 8 (pares, femininos) são representados desta maneira:



É evidente que nos números ímpares sobressai a presença de um só ponto central representante do 1, isto é, a presença geradora ou o falo, enquanto, nos pares, no lugar do ponto central figura um vazio, que faz pensar numa abertura recetiva, símbolo obviamente feminino.

O caráter fálico e masculino dos números ímpares foi também deduzido do facto de estes serem mais «fortes» do que os números pares. De facto, se um destes últimos é dividido ao meio, no centro não fica nada. Para os números ímpares, pelo contrário, isto não é verdade: no meio fica sempre o ponto isolado representante da potência geradora.

Além disso, quando se «unem» um par e um ímpar, somando-os, o segundo domina sempre, uma vez que o resultado da união é sempre ímpar. Daqui se deduz, pois, que os números ímpares são *masculinos, fortes e dominadores*: os pares, pelo contrário, são *femininos, recetivos e passivos*.

Desta classificação provém também um juízo de valor sobre os mesmos números. Os ímpares, com efeito, foram em geral considerados propícios ou favoráveis, portanto genericamente benéficos. Os pares assumiram características negativas, desafortunadas e em geral pouco propícias.

CAPÍTULO II

PREMISSA

O passo introdutório a um tratado de numerologia óbvio, ainda que elementar, é a explicação do simbolismo que se encerra por detrás de cada algarismo, isto é, por detrás de cada «nota» da sinfonia universal.

É o que faremos neste capítulo, no qual indicaremos as características principais que a tradição atribui aos números isolados. Em seguida explicaremos como se reconhecer a si e aos outros numa das subdivisões numéricas fundamentais, e como identificar os outros algarismos, que são de importância capital para o desenvolvimento do devir individual.

Para cada número é dado o significado em termos de numerologia prática, o que equivale a dizer, as noções fundamentais para compreender o seu carácter, o significado, os influxos positivos e negativos. A esta interpretação juntámos uma «síntese esotérica», isto é, uma explicação sucinta do número à luz do simbolismo mágico-ocultista, que relaciona cada dado com uma matriz única de carácter espiritual transcendente.

UM

O 1 é o número de Deus, que os ocultistas identificam com a Coisa Única, na qual se concentram e sintetizam o Universo, o Homem e a Natureza Divina. Representa Deus enquanto *Pai*,

porque é o símbolo do falo ereto, isto é, da potência geradora: Deus é criador, é a origem de todas as coisas no Universo, como o 1 é o número original.

Por isso o 1 é o número dos chefes e dos pioneiros (como se verá em seguida); os anos *um* são os mais favoráveis para os inícios, porque o 1 é o primeiro dos números e, daí, o «chefe» de todos os outros.

É característico das pessoas que caem sob a influência do 1 dominar os que estão à sua volta: de facto, quando se junta 1 a um número par, este transforma-se em ímpar, e vice-versa. As pessoas *um* são muito persistentes nos seus propósitos e monolíticas no seu carácter, porque se multiplicarmos ou dividirmos o 1 por si próprio fica 1, o que não acontece com os outros números.

O 1 ergue-se soberbo e altivo em direção ao alto (em todas as simbologias sempre foi representado por uma pequena barra vertical); representa assim, também em sentido figurado, o carácter das pessoas ou acontecimentos que caem sob a sua influência. As características dos indivíduos *um* são muito semelhantes às atribuídas a Jeová no Antigo Testamento: domínio, potência, criatividade e originalidade, determinação, individualismo, autoproclamação do direito próprio, recusa em colaborar com outros ou em tolerar rivais.

Síntese esotérica: O 1 é o símbolo do Ser e da revelação aos homens da essência espiritual. É o princípio ativo que, desfeito em fragmentos, dá vida à multiplicidade. Está deste modo ligado ao Centro Místico, ao Polo Radiante e à Potência Suprema, da qual emana a sabedoria tradicional. Representa também a unidade espiritual, ou seja, a base comum que compreende todas as coisas.

Neste sentido, o 1 (que, como vimos, regressa sempre a si próprio) pode ser entendido como número cíclico, que se fecha para encerrar dentro de si todas as coisas. É o conceito que os gnósticos exprimiam com o símbolo da «serpente Ourobouros», que se curva sobre si mesma até morder a cauda. O símbolo era acompanhado da inscrição *En tò Pan*, ou seja: «O um é o Todo.»



René Guenon traça uma distinção entre os conceitos de *unidade* e de *um*, seguindo o pensamento dos místicos islâmicos. A unidade — defende — difere do 1 na medida em que é absoluta e completa em si mesma: não admite pois o 2, nem o dualismo, e é o símbolo do Divino Absoluto. Segundo Marc Saunier, o 1 é também símbolo da Luz Universal, ou *Akasha*, elemento unificador de todas as coisas.

DOIS

O 2 é o primeiro número par. Assim como o 1 é masculino, o 2 (o seu oponente direto) é feminino; assim como o um é «positivo», o 2 é «negativo»; assim como o 1 está ligado à atividade e ao bem, o 2 está ligado à recetividade e ao mal.

As características atribuídas ao 2 são as que tradicionalmente são associadas à feminilidade: suavidade, doçura, modés-

tia, docilidade, subordinação; mas também malícia, astúcia, crueldade subtil, infidelidade, duplicidade. Na união a mulher tem um papel recetivo e passivo: conseqüentemente, o 2 é o número da aceitação passiva e da recetividade; os indivíduos *dois* atingem os seus fins através da diplomacia e da persuasão, porquanto é sabido que as mulheres obtêm o que querem sobretudo cultivando as artes da lisonja e da sedução.



A componente de crueldade, malícia e traição ligada à natureza do 2 deriva essencialmente da relação deste número com o Diabo. O 2 é considerado o mais perverso dos números, e todos os objetos bifurcados ou com duas pontas são símbolos do Diabo, porque o 2 é o primeiro número que destrói a unidade, ou seja, o Um, ou Deus. Assim como o 1 é o número de Deus, do mesmo modo o 2, o seu oponente imediato, é o número do arqui-inimigo de Deus. Não é sem razão que os cornos do «bode infernal» que dirige a dança das bruxas no curso de Sabá são em número de dois.

A bruxa, convém notar, é o símbolo da parte negativa (maliciosa, astuta, subtilmente cruel) na feição dupla da feminilidade.

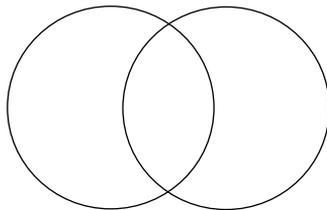
Não é por acaso que, na *Bíblia*, quando se narra a Criação, se diga que, ao fim de cada dia, Deus viu que «aquilo era bom», frase omitida ao fim de um só dos seis dias, o segundo.

Síntese esotérica: O 2 representa o eco, o reflexo, o conflito e a contraposição. Assinala também a suspensão momentânea de forças em equilíbrio, e corresponde à passagem do tempo, representada de modo alegórico por uma linha com um princípio e um fim, isto é, com uma direção de percurso.

Simbolicamente representa o primeiro núcleo de matéria, a natureza em oposição ao criador. Ou, retomando a imagem relativa à luminosidade, a Lua (luz refletida), por oposição ao Sol (luz própria).

O facto de estar ligado à sombra confere ao 2, no pensamento esotérico, um significado negativo: designa o lado tenebroso no dualismo fundamental do Ser (representado pelo mito dos Gémeos).

Segundo Marc Saunier, representa o elo que une o mortal ao imortal, o mutável ao imutável. No simbolismo místico o 2 está associado à «amêndoa sagrada», a forma nascida da interseção de dois círculos (representando o «céu» e a «terra»):



É, pois, o ponto fulcral da Inversão simbólica, o sacrifício de vida onde se unem os dois polos opostos do bem e do mal, da existência e da morte. Neste sentido é o número associado à *Magna Mater*: a amêndoa (dentro da qual eram representados os santos e os «iluminados») é um símbolo óbvio da vagina.

TRÊS

O 3 é o número da *criação*. Segundo as teorias da numerologia, com efeito, o 1, por si só, ainda que potencialmente criativo, é, na realidade, estéril. Embora seja multiplicado (isto é, fecundo), em si permanece sempre 1. O 2 não resolve o problema, porque posto perante o 1 gera um par de opostos, e multiplicado por 1 continua a ser 2. Para reconciliar os opostos e criar outros números é, pois, preciso o 3.

O que se oculta por detrás deste discurso é o simbolismo sexual do 3. É um simbolismo que tem raízes naturais: o órgão genital masculino é composto por três partes, das quais duas são iguais (o 2, número duplo) e uma é diferente (o 1, número singular, símbolo do falo ereto). Segundo a teoria mágica, Deus — que é o homem glorificado —, visto enquanto Criador, deve analogamente ser tríplice. «Se Deus fosse apenas um», afirma o mago francês Eliphaz Levi, «nunca seria nem pai nem criatura.» O 1, o falo ereto, por si só é, de facto, obviamente estéril. Daí o conceito de criação associado ao 3.

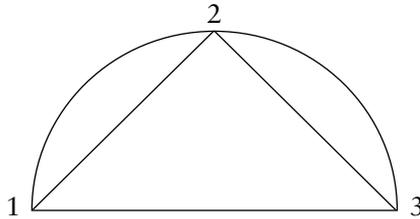
Advém daqui que o 3 seja o número do desenvolvimento ordenado e harmonioso (como a criação bíblica do Universo), e quem está sob a sua influência progredirá na vida com facilidade e sorte, obtendo sem esforço sucesso e simpatia. Sendo o número da criação, o 3 assinala indivíduos que mostrem uma forte propensão para criar coisas originais e para exprimirem o seu «eu». São, pois, artistas, e têm um temperamento falador e espirituoso.

Isto é também confirmado pelo facto de o 3 ser o número do triângulo, portanto da superfície (são necessários e suficientes três pontos para individualizar uma superfície). Os indivíduos *três* são, pois, muito «expansivos»: fascinantes, alegres,

brilhantes. Também a sua tendência para desperdiçar os esforços decorre do simbolismo do triângulo: voltam-se simultaneamente em três direções.

Síntese esotérica: O 3 é o símbolo da síntese espiritual. Representa a solução do conflito gerado pelo dualismo e exprime, deste modo, a fórmula da criação de cada um dos Mundos.

Expresso pelos três vértices de um triângulo, inscreve-se num semicírculo traduzindo a ideia da progressão cíclica: nascimento, apogeu, morte:



É, pois, o número que se estabelece em princípios basilares, produto harmónico da ação da unidade sobre o dualismo: exprime, por isso, autossuficiência e aumento da unidade em si própria.

QUATRO

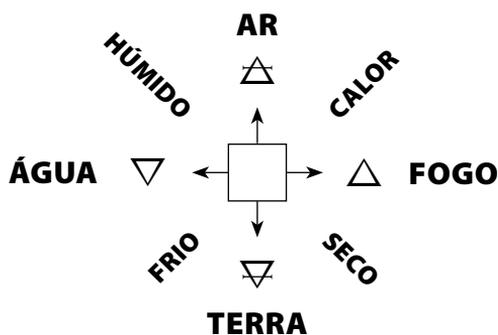
O 4 é, inevitavelmente, um número de influências negativas e «retardadoras», uma vez que é par (e, deste modo, passivo, feminino, perverso) e se obtém duplicando o 2: quer sob a forma de $2 + 2$ quer como 2×2 .

É o número da solidez (mas também do imobilismo), porque bastam quatro pontos para construir o mais simples dos sólidos geométricos, ou seja, o tetraedro (pirâmide de base

triangular). Além disso, importa lembrar que, segundo as cosmologias tradicionais, todas as coisas no mundo sensível são formadas por uma amálgama em diversas proporções de quatro elementos fundamentais (Terra, Água, Ar, Fogo) e caracterizadas por uma mistura de quatro qualidades essenciais (Seco, Húmido, Frio, Quente).

A matéria sólida é simbolizada pelo 4, número que representa também a Terra em sentido cósmico, isto é, a região «sólida» delimitada pelos quatro pontos cardeais. Daqui resulta que as pessoas que estejam sob a sua influência são «sólidas», muito firmes, com os pés assentes na terra. Podem ser verdadeiros e adequados pilares das instituições, como colunas de pedra fixas ao solo; mas também são maçadoras, monótonas e uniformes. Todavia, são muitas vezes sacudidas por explosões de violência irreprimível, assim como a terra é perturbada por terremotos e convulsões ocultas.

Os *quatro* são trabalhadores afincados e incansáveis (cultivadores, engenheiros), mas labutam muitas vezes dura e metodicamente para receberem recompensas incertas e inadequadas.



Síntese esotérica: O 4, símbolo do espaço delimitado no terreno, representa a situação humana, os limites naturais impostos à percepção espontânea da totalidade do Ser. Indica, pois, a organização racional, entendida como limite imposto ao conhecimento «iluminado», de caráter místico e espiritual.

É representado pela cruz de braços perpendiculares e iguais, que indicam os quatro pontos cardeais, em sentido espacial, e as quatro estações, em sentido temporal.

Uma vez que é o número que regula as obras de edificação (pontos cardeais) e de cultivo (estações), está associado às realizações palpáveis, expressas também pelos quatro elementos entendidos em sentido natural: Fogo, Ar, Água, Terra.

CINCO

O 5 nasce da junção do primeiro número feminino (o 2) com o primeiro número completamente masculino (o 3: o 1, como vimos, é, por si só, estéril). É, pois, o número da sensualidade, em especial da sensualidade masculina, porque na união a mulher é «ligada» ao homem para prazer deste. Assim como o 3 representa o sexo em função procriadora, o 5 favorece o prazer sexual, o sexo como um fim em si.

Não é por acaso que algumas das características dos indivíduos *cinco*, como são descritas pelos numerólogos, parecem alusões diretas ao falo: prontidão, impulsividade, inquietude, elasticidade e flexibilidade; os indivíduos *cinco*, diz-se, retraem-se rapidamente e detestam que os constrijam.

Em sentido simbólico o 5 representa a sensualidade e os prazeres da carne, porque é o número dos cinco sentidos: domina, pois, aqueles que dão mais ouvidos aos impulsos da carne do que aos do espírito.

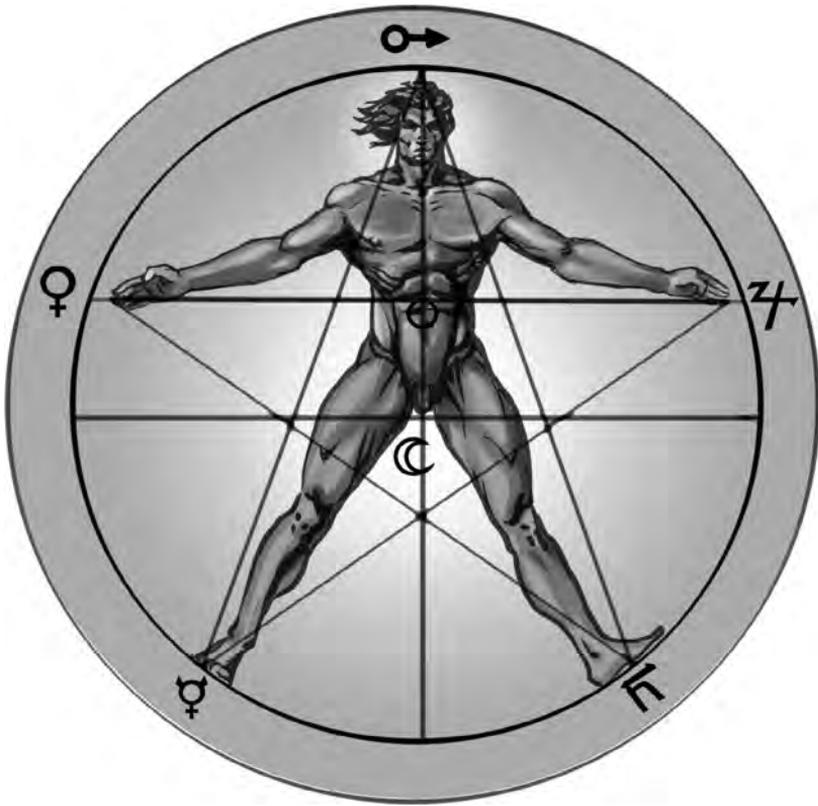
O 5 simboliza o homem «natural», porque é não só o número dos sentidos mas também o que exprime a Natureza. É, com efeito, composto pelo 1 (a potencialidade divina criadora de vida) e pelo 4 (a matéria): e quando se junta a vida à matéria o resultado é o mundo da Natureza, o húmus vital, o ambiente ecológico formado pela base inanimada, pelas plantas, pelos animais, pelo homem.

Os indivíduos *cinco* são pessoas multifacetadas, pois o pentágono, o seu símbolo, tem muitos lados. Por esta razão, e também por o 5 estar exatamente a meio da série dos algarismos elementares (de 1 a 9), podem ser versáteis e adaptáveis, mas também hesitantes e incertos, com olhos que se dirigem alternadamente para a frente e para trás.

Síntese esotérica: O 5 é símbolo da «quintessência» que age sobre a matéria, transformando-a. Ao nível humano representa os quatro membros do corpo, mais a cabeça, que os controla; ou então os quatro dedos da mão, mais o polegar, que os torna funcionais. Em sentido transcendente traduz os quatro pontos cardeais compreendidos misticamente, mais o «centro», que lhes dá um significado.

Implica mutação e transformação como um motivo hierogâmico representado pela união do princípio celeste masculino (o 3) com o terrestre feminino, ou *Magna Mater* (o 2). Daqui deriva a sua forte conotação sexual: é o número que traduz o coito, o ato de amor.

A figura que o exprime geometricamente, isto é, o pentagrama, ou estrela de cinco pontas, representa a união do microcosmos com o macrocosmos, do humano com o divino.



SEIS

O 6, embora sendo um número par, não é tendencialmente nefasto como o 2 e o 4, pois aritmeticamente é um número «perfeito». Chama-se assim aos números que são iguais à soma dos seus divisores. Os divisores de 6 são 1, 2 e 3, e $6 = 1 + 2 + 3$. Por se tratar de números muito raros (conhecem-se apenas os primeiros cinco: 6, 28, 496, 8128 e 33550336), são considerados particularmente significativos e favoráveis.

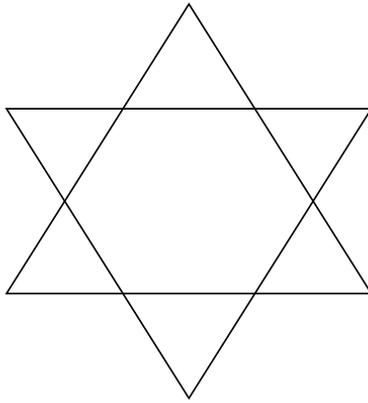
Além disso o 6 nasce também do *produto* dos seus divisores: com efeito $1 \times 2 \times 3 = 6$. Consequentemente fica a ideia de um número particularmente harmonioso, equilibrado, bem

integrado e não perturbado por conflitos internos. Deduziu-se daqui que os indivíduos seis são tranquilos, satisfeitos, integram-se no ambiente e na sociedade, e são plácidos.

As qualidades de serenidade e de luminosidade do 6 são sublinhadas pela sua característica de número do amor familiar e da paz doméstica. Isto deriva do facto de o 6 nascer do produto do primeiro número feminino (o 2) multiplicado pelo primeiro número masculino (o 3), e no amor conjugal (legal e santificado) a mulher é «multiplicada» (isto é, fecundada) pelo homem para fazer filhos legítimos.

O 6 é, por isso, o número do matrimónio, da família, da casa: a sensualidade feminina, com efeito, apenas se exprime legítima e harmoniosamente no matrimónio. Representa, pois, em primeiro lugar a «esposa e mãe exemplar», mas também, por extensão, o «esposo e pai». Os indivíduos seis são fiéis, afeiçãoados, dignos de confiança, dedicados sobretudo à família e aos filhos, eficientes e trabalhadores (também Deus trabalhou durante seis dias na criação do Universo), ordenados, asseados; em casos extremos, também monótonos, aborrecidos e um tanto ou quanto bisbilhoteiros. Podem ter sucesso nas artes, porque possuem duplicada a força criadora do 3, sem o seu desregramento.

Síntese esotérica: O 6 é o símbolo da ambivalência e do equilíbrio, representados pela união dos quatro elementos (Fogo: símbolo Δ ; Ar: símbolo \triangleleft ; Água: símbolo ∇ ; Terra: símbolo ∇) no «selo de Salomão», formado por dois triângulos sobrepostos de modo a desenhar uma figura com seis vértices.



Neste sentido indica a ordem e o equilíbrio resultantes da fusão perfeita dos elementos constitutivos da Natureza. No sentido espaço-temporal representa o fim do dinamismo: a Criação, atividade dinâmica, ocupou seis dias. Consequentemente simboliza também a satisfação depois do esforço: não é sem fundamento que é o número que segue o 5, símbolo da atividade durante o coito. Para os gregos era símbolo do Hermafrodita, no qual se acalmava o tumulto do Eros.

SETE

O 7 não só é um número primo, isto é, não é produto da multiplicação dos outros números, como além disso também não produz, por multiplicação, nenhum dos primeiros dez números. Nisto difere dos outros algarismos de 1 a 9: daí o ter-se pensado que estaria afastado deles, isolado, e que seria incapaz de comunicar. Segue-se que quem está sob o seu domínio é um solitário, destinado a estar fora da sociedade comum, incapaz e nada desejoso de se explicar a si próprio e às suas motivações.

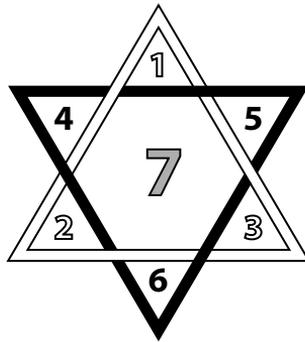
A ideia de mistério e magia que envolve o 7 está ligada, contudo, também ao facto de se ter querido reconhecer nele o número que regula grande parte dos mais importantes ciclos vitais na Terra. É de salientar o ciclo lunar. Quem tem contacto com a Natureza sabe que o ciclo da vida e da morte na Terra (nascimento, crescimento e declínio das plantas, animais e homens) está ligado ao crescer e ao decrescer da Lua ao longo do seu ciclo infinito de nascimentos e mortes no céu. O ciclo lunar é formado por quatro fases: e cada uma delas dura aproximadamente sete dias. Esta é, entre outras, a origem do calendário atual, que regula a vida de todos os dias na base de ciclos mensais compostos cada um de quatro semanas, mais alguns dias ao fim de cada ciclo para cobrir o período da «Lua nova», no qual o nosso satélite não é visível no céu.

Em consequência das conexões entre microcosmos e macrocosmos, ou seja, entre o homem e o Universo, também o corpo humano renova de sete em sete anos todas as suas células, as menstruações das mulheres processam-se segundo ciclos de 7×4 dias e durante três dias e meio (isto é: $7: 2$), no rosto do homem há sete orifícios, e assim por diante. Isto para não contar com quanto na Natureza é agrupado em sequências de sete: as cores do arco-íris, as notas musicais, e assim por diante.

As características do 7 em numerologia têm, pois, em conta o seu caráter de número que guarda as chaves dos ritmos vitais. O 7 simboliza profunda sabedoria, interesse pela religião e pela filosofia, procura das verdades eternas, o desconhecido e o mistério. É além disso o dia em que Deus descansou depois da criação: este repouso assume um caráter sagrado e é índice de reflexão depois da fadiga e do empenhamento, de afastamento do mundo, introspeção e meditação.

Síntese esotérica: O 7 é símbolo do completar de um ciclo periódico. Enquanto união do 3 com o 4 é um número dotado de particular valor. O seu sentido de «plenitude» deriva de uma consideração geométrica. O espaço no qual nos movimentamos é dotado de três dimensões, cada uma das quais pode, todavia, ser percorrida em dois sentidos: portanto, as dimensões efetivas são seis. Representadas como três retas (os eixos de um sistema cartesiano), as direções convergem para um centro: este é o sétimo elemento que confere significado a todo o sistema. Sem ele a representação espacial não teria qualquer validade. Graças ao centro as seis direções estão, pelo contrário, em condições de compreender toda a Natureza.

Na prática isto significa prover com um centro a figura de seis vértices (também chamada «selo de Salomão»), que sintetiza o significado oculto do 6, isto é, da fusão perfeita entre os diversos «mundos» que compõem o Todo. Para exprimir isto coloca-se muitas vezes o 7 no centro do hexagrama.



Por este motivo o septenário é a medida reguladora de grande parte das séries fundamentais que constituem a cadeia de correspondências sobre que se funda a coesão do Universo: os sete Planetas, as sete divindades a eles ligadas, os sete metais,

as sete cores, os sete dias da semana, os sete pecados capitais e as sete virtudes que lhes são contrapostas, e assim por diante.

OITO

O 8 é formado por $4 + 4$. O 4, como já foi dito, é o número da matéria: deste modo, o seu dobro representa o interesse pelas questões terrenas e o sucesso nas atividades materiais e mundanas.

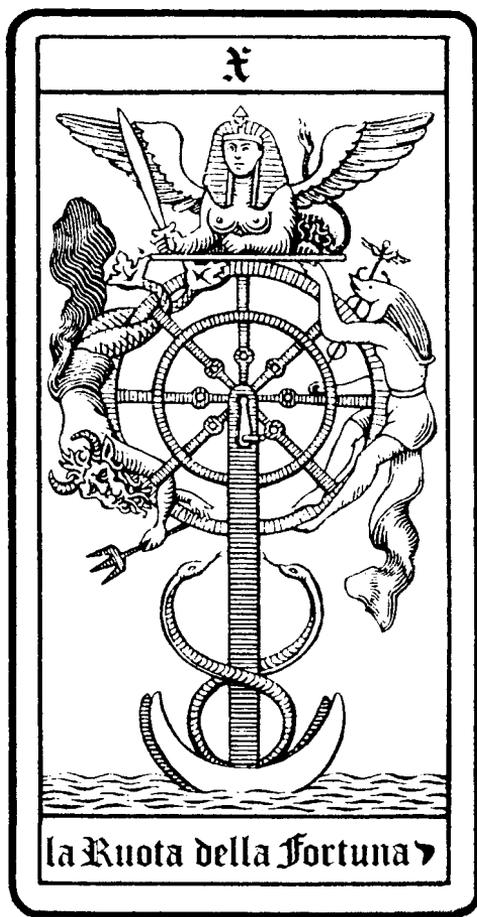
Enquanto o indivíduo *quatro* deve labutar duramente para obter as suas recompensas, o *oito* pode alcançar rapidamente uma grande fortuna em termos de dinheiro e de poder. Pode, no entanto, com a mesma rapidez, cair em desgraça, devido a erros de cálculo ou a circunstâncias imprevistas.

Na base do significado do 8 está um simbolismo de natureza anatómica. O 8 é tradicionalmente associado à vagina, isto é, à «porta» através da qual uma nova vida entra no mundo. Significa, pois, empenho nas coisas terrenas, porque, ao nascer, um novo indivíduo faz o seu ingresso no palco do mundo, e o sucesso ou o fracasso são as duas grandes possibilidades que se lhe oferecem.

Por este motivo indica também a existência depois da morte, que, para os indivíduos religiosos, representa o acesso a uma «nova vida». É, portanto, o número que representa a continuidade eterna: não é sem razão que o símbolo matemático do infinito é um 8 deitado sobre um dos lados.

Síntese esotérica: O 8, representado geometricamente por um octógono, traduz a figura intermédia entre o quadrado (que simboliza a ordem terrestre) e o círculo (expressão da ordem celeste): conseqüentemente é um símbolo de regeneração, de passagem do que é contingente ao que tem validade eterna.

Por causa da sua forma foi associado à imagem das serpentes entrelaçadas à volta do Caduceu hermético: representa assim o equilíbrio entre as forças espirituais e naturais.



É este o simbolismo que se encerra no Arcano X das cartas pintadas, chamado «A Roda da Fortuna», em que a roda que representa o devir do mundo é sustentada pelos mastros prin-

cipais de dois pequenos navios à volta dos quais estão enroladas duas serpentes que em conjunto desenham um 8.

A prevenção de que o sucesso pré-anunciado pelo 8 só pode, efetivamente, realizar-se se se conseguirem dominar as correntes opostas do Agente Universal (caso contrário, a conclusão é o desastre total) encontra-se numa das representações contidas no *Azoth dos Filósofos*, de Basilio Valentino.



Ali vê-se uma serpente que, enrolando-se em forma de 8, envolve a Lua e o Sol, ou seja, os dois princípios distintos da Natureza. As extremidades da serpente representam uma delas uma águia (versatilidade), a outra um leão (firmeza): os dois impulsos essenciais que devem ser domados e coordenados no equilíbrio perfeito.

Ainda por causa da sua forma, o 8 indica também o eterno movimento em espiral dos céus. Por isso foi adotado como símbolo matemático do infinito: ∞ .

NOVE

O 9 representa as grandes realizações mentais e espirituais por ser o último e o mais alto dos algarismos elementares; indica, pois, as qualidades «superiores».

Uma vez que o 9 é gerado por 3×3 , os indivíduos *nove* são indivíduos *três* «exaltados», isto é, nos quais as características positivas e os defeitos do número gerador se encontram em mais alto grau. É, pois, um número ligado ao amor, pois possui, multiplicada, a força sensual masculina do 3. Este amor, todavia, pode também espiritualizar-se, traduzindo-se em compaixão pela humanidade, responsabilidade social, desejo de agir beneficentemente.

Por outro lado o 9 pode assumir também um significado nitidamente egoísta. É, com efeito, um número que regressa sempre a si próprio: quando multiplicado por qualquer outro número, obtém-se um resultado cujos algarismos, somados entre si, dão mais uma vez 9. Além disso, se se somarem os algarismos de 1 a 9 obtém-se 45, e $4 + 5 = 9$, mais uma vez.

Em sentido elevado, o 9 é o número da iniciação, pois (sendo o último e o mais elevado dos algarismos elementares) assinala o fim de uma fase do desenvolvimento espiritual e o início de uma outra fase superior, simbolizada pela passagem das unidades às dezenas.

Síntese esotérica: O 9, enquanto «triângulo de ternários», ou triplicação da triplicidade, representa a imagem completa dos três mundos: o material, o espiritual e o anímico. É, pois, símbolo de verdade total e completa: conceito reforçado pelo facto de o 9, multiplicado por qualquer número, dar um produto que reproduz sempre o próprio 9.

O 9 é um número com um significado universal, uma vez que são nove (segundo as doutrinas tradicionais) as «esferas celestes», e igualmente nove são os espíritos encarregados de as governar.

A sua importância, e a justificação do facto de (segundo a numerologia) acontecimentos, circunstâncias e factos se agruparem em *eneadas*, ou ciclos de 9, deriva de algumas simples considerações aritméticas.

Ao falar do Tetraktis, fizemos notar como ele exprime a circunstância de a soma dos primeiros quatro números inteiros levar ao 10, ou seja, à totalidade de todas as coisas. A operação pela qual se somam todos os algarismos que, em sucessão, levam a um determinado número chama-se «soma teosófica». Assim, a soma teosófica de 4 é precisamente 10, na medida em que, como vimos, $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Simultaneamente com a soma teosófica é preciso, no entanto, ter também em conta a «redução teosófica», ou seja, o processo pelo qual de um número expresso por mais do que um algarismo se passa à sua raiz numérica, isto é, a um dos nove algarismos fundamentais. A redução teosófica efetua-se adicionando todos os algarismos que compõem um dado número, e prosseguindo o cálculo até obter um só algarismo. Assim, por exemplo, a redução teosófica de 1977 é: $1 + 9 + 7 + 7 = 24 = 2 + 4 = 6$. O 6, portanto, é a «raiz numérica» de 1977.

Aplicando os princípios do cálculo teosófico à sucessão dos números inteiros, verifica-se imediatamente que eles se agrupam aos três, e o primeiro dos três tem sempre por raiz a unidade.

A MAGIA DOS NÚMEROS

NÚMERO	SOMA TEOSÓFICA	REDUÇÃO
1	1	1
2	3	3
3	6	6
4	10	1
5	15	6
6	21	3
7	28	1
8	36	9
9	45	9
10	55	1
11	66	3
12	78	6
13	91	1
14	105	6
15	120	3
16	136	1
17	153	9
18	171	9
19	190	1
20	210	3
21	231	6
22	253	1

A tábua apresentada indica que, se se realizar a soma teosófica dos números inteiros e se extrair sucessivamente a raiz numérica do resultado, mediante a redução teosófica, se obtêm invariavelmente como raiz os algarismos 1, 3, 6 ou 9. Além disso os números reduzidos dividem-se em *eneadas*, ou séries de nove, indicadas pela repetição constante dos três grupos de três 1, 3, 6 — 1, 6, 3 — 1, 9, 9.

Do facto de todos os números — que exprimem o ritmo e o carácter multiforme dos aspetos da Natureza — se agruparem

constantemente em séries de nove (ou, melhor dizendo, em três séries de três, sempre repetidas) os numerólogos tiraram a convicção de que os ciclos fundamentais do devir têm uma cadência de nove: isto é, que as notas com que se toca a sinfonia universal são nove.

É por isso que, conseqüentemente, todas as subdivisões que vierem a ser aplicadas ao carácter, ao destino, às escolhas vocacionais dos indivíduos, terão como base a eneada, isto é, a cadência do nove.

Do exame da tabela atrás apresentada podem tirar-se também mais algumas considerações numerológicas de carácter fundamental. Antes do mais, a proeminência atribuída tradicionalmente ao 1 é justificada pelo facto de ser o único número a passar inalterado pelas operações teosóficas. Esta sua inalterabilidade, ligada ao já conhecido carácter de «potência geradora», assim como à sua posição à cabeça da sucessão numérica, confere-lhe dimensões divinas.

O facto, pois, de o 10 remeter constantemente para o 1, quer por redução teosófica direta ($1 + 0 = 1$) quer por redução da sua soma teosófica ($5 + 5 = 10 = 1 + 0 = 1$), é considerado a confirmação simbólica do princípio tradicional segundo o qual a soma de todas as coisas (expressa pelo 10) reconduz a uma Coisa Única, síntese da «Grande Tríade», Deus, Universo, Homem. Daqui vem a ideia da universalidade do 1, expressa no já citado moto *En tò Pan*, «o Um é o Todo». Note-se ainda que a soma dos algarismos que compõem os três grupos de três fundamentais 1, 3, 6 — 1, 6, 3 — 1, 9, 9 remete mais uma vez para o 1. De facto $1 + 3 + 6 = 10 = 1 + 0 = 1$; $1 + 6 + 3 = 10 = 1 + 0 = 1$; $1 + 9 + 9 = 19 = 1 + 9 = 10 = 1 + 0 = 1$. Conclui-se que a Grande Tríade regressa constantemente ao Um: *En tò Pan*.

SÍNTESE

O significado numerológico dos nove algarismos fundamentais pode facilmente ser resumido numa tabela que mostra como as respetivas influências se dispõem segundo um esquema preciso de opostos, regulado pelo carácter ímpar ou par, masculino ou feminino.

ÍMPARES

PARES

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 Ativo, decidido, forte, pouco dado a compaixão, dominador, inovador. | 2 Passivo, recetivo, débil, dado à compaixão, subordinado, retrógrado. |
| 3 Brilhante, alegre, artista, favorecido pela sorte, sucesso fácil. | 4 Pedante, taciturno, pouco criativo, desfavorecido pela sorte, trabalho duro e fracasso. |
| 5 Versátil, aventureiro, nervoso, inconstante, sensual. | 6 Simples, plácido, caseiro, «organizado», cheio de amor materno, dedicado à família. |
| 7 Afastado do mundo, meditativo, misterioso, reservado, tímido, secreto. | 8 Empenho profundo nas questões terrenas, sucesso ou fracasso nas coisas do mundo, capacidades financeiras. |
| 9 Destinado a atingir metas elevadas, notáveis capacidades mentais e espirituais, disponibilidade para a aventura. | |

Da tabela salta à vista o caráter «positivo» dos números ímpares e «negativo» dos pares. É, todavia, necessário recordar que se trata apenas de uma indicação de tendência: para cada um a «nota» soa segundo uma determinada tonalidade, e o importante é não criar desarmonia, não desafinar, no quadro da sinfonia universal.

Os numerólogos antigos paravam no algarismo 9 a sua análise das influências numéricas particulares, enquanto os ciclos fundamentais considerados por eles, como se disse, se processavam por eneadas.

Os modernos, todavia, tomam em consideração também dois algarismos que superam o 9, considerando-os característicos de indivíduos ou entidades que ultrapassam de longe, no bem ou no mal, a medida comum de todas as coisas.

Os números em questão são o 11 e o 22. Quando, no decorrer dos cálculos necessários para extrair a resposta numerológica, surge um deles, é preciso recorrer à capacidade pessoal de fazer juízos para avaliar se será um caso para o deixar como está, ou para prosseguir as operações (segundo o método que indicaremos), obtendo o 2 ou o 4, isto é, os algarismos que representam a contrapartida não «exaltada» do 11 e do 22.

É impossível fornecer, a este respeito, uma regra precisa. Não se pode senão confiar na intuição e nos indícios que possam extrair-se das outras indicações numerológicas relativas à pessoa em exame. Deve-se, no entanto, ter em conta que os dois números superiores a 9 se encontram muito raramente e se aplicam apenas a indivíduos com uma personalidade singular, a ponto de deixar uma marca durável (negativa ou positiva) não só no ambiente que os circunda mas no contexto da humanidade inteira.

ONZE

O 11 é o número dos apóstolos, que (à exceção de Judas) ficaram fiéis a Cristo e difundiram pelo mundo a mensagem do Salvador. Por esta razão lhe chamam o «número das revelações», e quem está sob a sua influência julga ter uma mensagem especial a comunicar ao próximo.

Este significado foi ulteriormente sublinhado pelo facto de o 11 ser o primeiro número que segue o 10. Segundo o simbolismo pitagórico, a série de números de 1 a 10 exprime «a soma de todas as coisas», isto é, a totalidade do mundo criado. O 11, sendo o início de uma série mais alta de números, simboliza um plano de conhecimentos e realizações mais elevado do que é normal e habitual.

Interpretando-o como junção de Deus (1) com o mundo (10), explica-se em seguida o significado de «número das revelações» atribuído ao 11: é o sinal do início do conhecimento de Deus, isto é, da admissão à vida superior dos céus.

Os indivíduos *onze* são, por isso, mestres e pregadores, e em casos extremos santos e mártires. Em qualquer dos casos são pessoas que entreveem uma realidade independente da comum e se esforçam por a transmitir aos seus semelhantes.

VINTE E DOIS

O 22 vai buscar a sua importância à tradição bíblica. São vinte e duas, com efeito, as letras do alfabeto hebraico, vinte e dois (de acordo com o cálculo hebraico) os livros do Velho Testamento e vinte e duas as coisas que Deus gerou nos seis dias da criação. A lista destas últimas é fornecida por Isidoro de Sevilha: no primeiro dia Deus criou a matéria informe, os anjos, a luz, os céus superiores, a terra, a água e o ar; no segundo

criou o firmamento; no terceiro os mares, as sementes, as ervas e as árvores; no quarto o Sol, a Lua e os Planetas; no quinto os peixes, os répteis aquáticos, os terrestres e os pássaros; no sexto os animais selvagens, os domésticos e o homem.

No ato da criação Deus, com efeito, limitou-se a *nomear* os seres criados, os quais começaram imediatamente a existir, ao ser pronunciado o seu nome, pois o nome de uma coisa contém a sua essência. Uma vez que Deus criou tudo, os vinte e dois nomes referem «tudo o que existe», e no 22 está encerrado o segredo da criação do Universo por Deus.

O indivíduo *vinte e dois* é, por isso, um dominador, que se distingue de maneira significativa quando confrontado com quantos estão à sua volta, tal como o Altíssimo se distingue da criação.

COMO DESVENDAR O SEU DESTINO COM A NUMEROLOGIA

Quais são as potencialidades da sua data de nascimento? Que características encerra o seu nome? Qual será o melhor momento para fechar um negócio? Como calcular o ano pessoal? Que mês deverá escolher para fazer alterações profundas na sua vida?

Os números estão relacionados com tudo o que nos rodeia: desde a nossa data de nascimento e o nosso nome até ao nosso destino.

De acordo com a magia da Numerologia, cada um dos algarismos elementares encerra em si mesmo um determinado simbolismo. A chave encontra-se precisamente na sucessão destes algarismos, que, à semelhança das notas musicais, regulam a sinfonia universal.

A Magia dos Números é um manual prático de Numerologia que ajuda a desvendar o significado místico por detrás dos números e oferece respostas claras e acessíveis a todos, através de simples fórmulas de cálculo.

- Tudo sobre a Numerologia
- A ligação entre nome e carácter e entre data e destino
- Como calcular o número onomástico, a matriz natal e o ano pessoal
- Breve guia de oráculos numéricos simples



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.


nascente

o curso da sua vida

2020 editora

Classificação: Esoterismo

ISBN 978-989-668-189-0



9 789896 681890

www.nascente.pt